



Gazeta Mercantil – 29 Jan 2004

Associações temem aumento de tarifa com novo modelo do setor

O fim da "explosão tarifária", principal argumento utilizado pela ministra das Minas e Energia, Dilma Rousseff, em defesa do novo modelo do setor, pode não passar de frase de efeito. Agentes do setor discordam da eficiência do modelo proposto em atingir um dos seus objetivos, o da modicidade tarifária. A mistura de energia velha e nova para formar o preço no pool e o aumento da percepção de risco do setor - graças ao aumento do poder de regulação do ministério - são os fatores que, na visão dos agentes, poderiam causar um efeito contrário ao desejado e elevar a tarifa.

Documento divulgado pela Câmara Brasileira de Investidores em Energia Elétrica (CBIEE), e assinado por associações do setor, como Abrage (geração), Abradee (distribuição) e Apine (produtores independentes), expôs a preocupação quanto aos reflexos do novo modelo nas tarifas. "Financiadores são unânimes em afirmar que o aumento da percepção de risco regulatório será refletido na escalada do custo de capital, item mais relevante nos projetos do setor", diz a carta enviada a parlamentares e ao presidente da República.

A consequência prática de tal escalada de risco, segundo o documento, será inevitavelmente um aumento das tarifas para o consumidor final. O aumento da percepção de risco, na visão das associações, reside no poder de intervenção do ministério. "A MP 144 propõe tal nível de delegação de poder do Legislativo ao Executivo que fará com que o Executivo não necessite reportar-se ao Parlamento para introduzir qualquer espécie de alteração normativa no setor elétrico brasileiro. Nada poderia aumentar mais a percepção de risco regulatório por parte dos investidores do que essa delegação." conclui o documento.

A possibilidade de que o novo modelo para o setor, diferentemente do que diz o governo, provoque aumento tarifário, também é uma preocupação do diretor comercial da Duke Energy, Alcides Casado. Para o diretor, há riscos na coexistência de energia nova e velha dentro do pool, que vai administrar os contratos entre geradoras e distribuidoras. "Isso restringe a verdadeira competição, pois a energia mais barata vai ser deslocada por uma energia mais cara. Esse é o risco: que essa energia nova substitua a energia já existente, que é a mais barata", disse. "Novos projetos vão ser cada vez mais caros e terão impacto nos preços pagos por todas as distribuidoras que comprarão energia do pool."

Reserva de mercado

O analista do banco Pactual, Pedro Batista, discorda da opinião do diretor da Duke e das associações. Embora reconheça que ainda não está claro como se dará a convivência entre energia nova e velha no pool, ele descarta uma pressão tarifária de imediato. "As projeções do Pactual mostram que, nos próximos três ou quatro anos, não deve haver um aumento tarifário por conta das novas regras", diz. "Da forma como o novo modelo vai funcionar, haverá uma reserva de mercado para a energia nova, com contratos de longo prazo, o que reduz o custo do investimento e da energia gerada", argumenta.

Alcides Casado também mostrou preocupação quanto ao fato de que o novo modelo reduza a base legal de atuação das empresas. "Antes, a forma de funcionamento do mercado estava prevista em lei. Agora fica tudo submetido ao controle do ministério, que vai regulamentar as normas", diz. "Do jeito que o novo modelo foi apresentado, é um cheque em branco para o regulador, o que pode causar certa desconfiança e dificultar a atração de investimentos."